



VOLUME - V.3  
NÚMERO - N.2  
DEZ. - 2025  
ISSN: 2966-1439  
P.369-383

**A MULHER CALEIDOSCÓPICA DE ELIANA ALVES CRUZ:  
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS ACERCA DA PERSONAGEM  
VITÓRIA DO ROMANCE NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA**

THE KALEIDOSCOPIC WOMAN BY ELIANA ALVES CRUZ: INTERPRETATIVE  
POSSIBILITIES ABOUT THE CHARACTER VITÓRIA IN THE NOVEL NADA DIGO DE TI,  
QUE EM TI NÃO VEJA

Aniely Walesca Oliveira Santiago<sup>1</sup>  
Jefferson Xavier Freire da Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é estabelecer uma relação simbólica entre a personagem Vitória, da obra *Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz, e um caleidoscópio, metáfora que inspira a concepção de mulher caleidoscópica (nossa atribuição analítica). Tal abordagem se viabiliza a partir do levantamento e desenvolvimento de possibilidades interpretativas para a personagem. As análises serão conduzidas sob a ótica dos estudos decoloniais, com foco nos sujeitos subalternizados, excluídos e marginalizados, sobretudo na valorização da voz da mulher negra e de suas denúncias frente a contextos de opressão e invisibilização. Ao examinarmos as estratégias de resistência, sobrevivência, transformação e organização protagonizadas por Vitória, será possível evidenciar caminhos interpretativos que rompem com leituras convencionais e reforçam perspectivas insurgentes. Diante do exposto contamos com os posicionamentos de Dalcastagnè (2018), Gonzalez (2019), Anzaldúa (1987), Gomes de Jesus (2014), Nascimento (2018), Santiago (2012), Nascimento (2019), Evaristo (2009), Hollanda (2020), Oyěwùmí (2002) e Díaz-Benítez (2020).

**Palavras-chave:** Decolonial. Romance histórico. Transfeminismo. Mulheres negras.

**ABSTRACT:** The objective of this study is to establish a symbolic relationship between the character Vitória, from the book *Nada diz de ti, que em ti não veja* (I say nothing about you, that I don't see in you), by Eliana Alves Cruz, and a kaleidoscope, a metaphor that inspires the concept of a kaleidoscopic woman (our analytical focus). This approach is made possible by identifying and developing interpretative possibilities. The analyses will

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Decoloniais e Feministas pelo PPGL. Universidade Federal da Paraíba.  
anielyoliveirasantiago@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos Decoloniais e Feministas pelo PPGL. Universidade Federal da Paraíba.  
jefferson\_costa3@hotmail.com

be conducted from the perspective of decolonial studies, focusing on subalternized, excluded, and marginalized subjects, especially in valuing the voice of Black women and their denunciations of contexts of oppression and invisibility. By examining Vitória's strategies of resistance, survival, transformation, and organization, we will be able to highlight interpretative paths that break with conventional readings and reinforce insurgent perspectives. In light of the above, we rely on the positions of Dalcastagnè (2018), Gonzalez (2019), Anzaldúa (1987), Gomes de Jesus (2014), Nascimento (2018), Santiago (2012), Nascimento (2019), Evaristo (2009), Hollanda (2020), Oyèwùmí (2002), and Díaz-Benítez (2020).

**Keywords:** Decolonial. Historical novel. Transsexuality. Black women.

## INTRODUÇÃO

Faz-se necessário e didático de nossa parte que comecemos com o significado de caleidoscópio, pois este possibilitará leituras múltiplas a partir do que se possa depreender destas linhas a seguir. Trata-se de um instrumento óptico que cria efeitos visuais. Com basicamente alguns espelhos e vidros coloridos, forma possibilidades infinitas de combinações com o intuito de oferecer imagens. Aqui gostaríamos de ressignificar esta função, pois, para além da etimologia *καλός* (bonito), *εἶδος* (imagem) e *σκοπέω* (olhar), a literatura, em adição às imagens, evoca experiências sinestésicas. Ela também se mostra como um instrumento libertador que “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182). Em tempos de conectividade digital, as formas de acesso, produção e recepção da literatura estão em constante transformação. A forma que a consumimos modifica-se constantemente (aqui percebe-se o giro caleidoscópico). Embora uma parte conservadora negue tais transformações e atenha-se à ideia de que algo se transformou de fato, os efeitos são diretos. Os processos de produção e recepção literária modificaram-se, isto é um ponto positivo já que propiciam o surgimento e a consolidação de novas vertentes literárias, oferecendo espaço e voz a narrativas que, por muito tempo, foram silenciadas. A atual conjuntura possibilitou o surgimento de várias vertentes que tiveram vez e voz.

Em um sistema literário, há a tendência de que os elementos assumam a organização hierárquica tais como periferia e centro, que proliferam diversas literaturas e vertentes que surgem em resposta à hegemonia dominante, tensionando o processo de fossilização do cânone, este, por sua vez, localizado simbolicamente no centro. Essas literaturas

periféricas/marginais revelam uma intencionalidade transgressora, isto é, buscam ultrapassar os limites historicamente impostos aos seus territórios simbólicos. As literaturas que despontam, mirando a transgressão, fazem de seu cerne um movimento identitário, cultural e ideológico que não reflete o que circula nas hegemonias. Elas forjam para si um espaço de resistência e de luta. O atual cenário do sistema literário brasileiro mostra-se favorável ao aparecimento de *corpora* literários não-hegemônicos, de não-conformismo ao *status quo*, e palco para reflexões crítico-analíticas sobre o sujeito e sua relação com a sociedade. Existe então, um momento de giro do caleidoscópio propício à transgressão. Tal giro é possibilitado por alguns fatores. Primeiramente, o público tem exigido literaturas que reflitam a vivência e as questões sociais, políticas e culturais com maior interesse em ouvir vozes historicamente silenciadas. Segundo, florescem os movimentos de escrita, profusão, circulação e reconhecimento dessas literaturas.

Sem dúvida, um destes *corpora* literários que despontam dentro do sistema literário brasileiro é o da Literatura Afro-Brasileira. Infelizmente, há indivíduos que pensam que desmembrar a Literatura Brasileira em categorias “menores” não seria produtivo, enfraquecendo ambos, o olhar, e a experiência do todo. Soma-se a este panorama um perfil universal estabelecido, presente em muitas obras canonizadas defendidas pelos universalistas, que é o do “homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo” (Dalcastagnè, 2018). A Literatura Afro-Brasileira é um *corpus* literário conciso que dá conta de percepções de mundo, experiências e vivências das pessoas afrodescendentes no Brasil. Ela torna-se o seu próprio caleidoscópio que figura dentro de outros. Nela própria há a possibilidade de desafiar todas as categorias cristalizadas do cânone e instaurar novas epistemologias.

A literatura é um lugar onde as pessoas das margens encontram espaço para denunciar e também fazer justiça. Nos últimos anos, graças aos avanços do estudo e pensamento decoloniais e às novas formas de ser, pensar e saber, obtivemos um aumento na produção e participação delas nas livrarias, nas escolas e universidades. Porém, a Literatura Afro-Brasileira ainda carece de ser incorporada ao cânone e em ter uma teoria e crítica literária propriamente negra, realizada por pesquisadore (a)s e escritore (a)s negro (a)s, apesar da grande produção filosófica e literária na atualidade.

Apropriando-se da literatura e a partir de sua própria escrita, a renomada autora Conceição Evaristo foi capaz de reconhecer “a presença de uma vertente negra feminina”

(2019, p. 18) dentro da Literatura Afro-Brasileira. A escrita negra feminina brasileira atual conta com nomes como Ana Maria Gonçalves, Miriam Alves, Geni Guimarães, Valéria Barcelos, Cristiane Sobral, Maria Beatriz Nascimento, Lívia Natália, Thiffany Odara e Jarid Arraes. Todas estas mulheres (sejam cis ou trans) forjam em suas obras um espaço de resistência, insurgência, clamam para si os direitos de fala e denunciam as injustiças e preconceitos. Podem tranquilamente ser classificadas na quarta onda do feminismo, como apontado por Hollanda (2020, p. 13) pois, “manifestam-se por direitos de seus corpos exigindo serviços, igualdade social, direitos humanos”. Nesta onda citada, também se encontra a capacidade de desafiar epistemologias antigas pautadas em normas masculinas. A pensadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (p. 9, 2002) aponta que “as lentes feministas desnudam o homem de ideias para todos verem. Mesmo os discursos como os da ciência, considerados objetivos, foram mostrados como masculinamente tendenciosos”. Oyěwùmí cita a relação entre as lentes do feminismo e o discurso masculino que está imbricado nas epistemes. É somente através delas que se pode lançar luz a um processo de desconstrução e ressignificação de saberes.

Dentro deste movimento podemos citar a autora Eliana Alves Cruz que constrói algumas de suas personagens femininas negras como fortes, perspicazes e resilientes. Tais personagens carregam o intuito de desestruturar concepções cristalizadas no seio da sociedade. Ao abordar a temática da escravidão, Cruz nos remete à memória e ancestralidade do povo negro, às raízes brasileiras e às marcas indeléveis que esse momento sombrio e tão cruel deixou na história do Brasil e dos afrodescendentes. A partir das personagens como Vitória, Zé Salavú e Quitéria, presentes em *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), podemos compreender as estratégias de resistência contra todos os tipos de opressões sofridas pelo povo negro. A trajetória dessas personagens transgressoras traz algumas inquietações e reflexões sob um olhar feminino em suas multiplicidades. O próximo segmento dará ênfase tanto à autora quanto à sua personagem Vitória.

## **1 ELIANA ALVES CRUZ E SEU ESPAÇO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Eliana Alves Cruz é uma das vozes da caleidoscópica polifonia que provém da Literatura Afro-Brasileira. A autora, nascida no Rio de Janeiro, estudou comunicação

social e atua também como jornalista. Sua estreia foi com a obra *Água de Barrela* (2016). A vencedora do Jabuti na categoria contos, desde então, lançou romances como: *O crime do cais do Valongo* (2018), *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) e *Solitária* (2022). Ambos *Água de Barrela* e *Nada digo de ti, que em ti não veja* podem ser classificados como romances históricos. *O crime do cais do Valongo* também pode ser considerado como tal, mas pode-se acrescentá-lo também à categoria de romance policial. A jornalista Isabella Rodrigues (2023) caracteriza a escrita da autora, como uma “poderosa expressão de resiliência e resistência, capaz de gerar conscientização e impulsionar a mudança”. A autora parece estar conectada com a agenda da Literatura Afro-Brasileira ao tomar para si as pautas da vertente literária reconhecendo que “a história e o conhecimento do povo negro são tesouros riquíssimos que precisam ser descobertos e aproveitados” (Cruz, 2018a, s. p). É neste intuito que ela escreve.

A escritora mineira Conceição Evaristo frisa características bem específicas dos textos produzidos dentro da Literatura Afro-Brasileira pelas autoras. Tais textos trazem a “vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e (...) experiências diversificadas” (2019, p. 27). Ambas, Literatura Afro-Brasileira e a sua vertente, beneficiam-se diretamente de uma abordagem epistemológica chamada de afrocentricidade, desenvolvida por Molefi Kete Asante. Trata-se de uma maneira de por os africanos e seus descendentes como sujeitos das suas próprias histórias, em posição de protagonismo. Os estudos afrocentrados se tornam uma resposta à cultura hegemônica, mas não somente isso, são a oportunidade de encorajar as vozes de quem por muito tempo foi silenciado, marginalizado e subalternizado.

Podemos estender o pensamento afrocentrado e falarmos que as obras de Cruz possuem cosmopercepção (*world-sense*) ao invés de cosmovisão (*worldview*), termos estes apontados pela pesquisadora feminista Oyèrónké Oyěwùmí. A cosmovisão atrela-se ao ocidente ligando-se ao sentido da visão para “resumir a lógica cultural de uma sociedade” (2020, p. 3). Já a cosmopercepção privilegia os sentidos “é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais.” (2020, p. 3). Neste sentido, ao tratarmos sobre o conceito de caleidoscópico, extrapolamos o seu *stricto sensu* e o associamos às experiências interseccionais e sinestésicas, como já dito anteriormente. Portanto, para responder às vivências, experiências e perspectivas das pessoas negras, faz-se mais pertinente recorrermos ao conceito de cosmopercepção.

Todas as obras de Eliana Alves Cruz, além de possuírem este conceito de Oyěwùmí, enquadram-se nas escrituras de Evaristo, e na afrocentricidade de Asante para compor suas possibilidades caleidoscópicas.

A vertente da literatura negra feminina brasileira, a qual Cruz pertence, também promove o resgate à ancestralidade, à (re)conexão, à vontade de atribuir novos significados e a nova compreensão de mundo (cosmopercepção), também representa uma luta contra a máquina do apagamento histórico (memoricídio). Esta vertente promove o fortalecimento das insurgências, do não-conformismo e da contra-hegemonia. Nela, fala-se contra a misoginia, o machismo, a LGBTQIAPN+fobia, a opressão, o racismo estrutural e explícito, além da desconstrução de estereótipos perpetrados pela sociedade. Tal vertente liga-se muito ao feminismo. A autora e ativista Lélia Gonzalez reconhece a importância do movimento para fomentar novas possibilidades e articulações.

É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental nas nossas lutas e conquistas e que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, como também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher (2020, p. 43).

A nova forma de ser mulher, que é mencionada por Gonzalez, diz respeito às múltiplas mulheres e suas diversas expressões sociais e culturais e não somente às cisgêneros. A antropóloga colombiana Díaz-Benitez também partindo de uma crítica à ideia de mulher universal afirma que “Está no feminismo o papel de nos traduzirmos umas às outras e de nos situarmos nos diversos lugares da diferença” (2020, p. 321). Diferença não significa desavença para a feminista radicada no Brasil, que lembra que, se devem favorecer pontes entre mulheres, jamais os muros. A tradução na sua concepção é primeiramente entender-se como pertencente a vários segmentos em intersecção, e posteriormente, sob o olhar empático, entender que este processo ocorre também na outra e gera pontos de diferenciação. A diferença não torna uma mais ou menos mulher que a outra; ela é, na verdade, um ponto de convergência. A nova forma de ser mulher compreende uma perspectiva mais ampla, que vai além dos limites da biologia. Já não se trata de um conceito cristalizado ou fixo, mas de uma construção plural e em constante movimento. No caleidoscópio da literatura, há espaço para todas as mulheres, e o mesmo se afirma no interior dos movimentos feministas, que se ampliam para acolher múltiplas experiências e identidades. A autora Eliana Alves Cruz (2020) reconhece que “feminismo

negro e feminismo branco (...) são pautas diferentes, mas isso não significa uma animosidade, isso significa que a gente precisa ter humildade de enxergar o outro”. Faz-se de extrema necessidade, então, diante do exposto pela autora, recuperarmos mais uma vez as ideias de pontes mencionadas por Díaz-Benitez e reforçadas por Gloria Anzaldúa quando menciona que deve-se estabelecer “uma ponte entre nossas diferenças, essa expressão mantém a promessa de aliviar as feridas” (1987, p. 20). Isso inclui as mulheres trans, com o surgimento do transfeminismo.

A população trans, assim como a negra e grupos sociais criminalizados compartilham do mesmo olhar de marginalização ou extermínio. O transfeminismo (influenciado pelo feminismo negro) reconhece as diversidades identitárias de gênero e é contra as hierarquizações de opressões, principalmente aquelas que colocam cis acima de trans. Assim como as feministas negras, as epistemologias transfeministas têm como base fundadora as experiências como geradoras de conhecimento.

É de suma importância refletir e compreender que gênero e sexo não são pré-determinados, “os transfeminismos permitem a criação de conexões e alianças para além da cis-heteronormatividade, assim como parte do pressuposto teórico-político de dessencialização do gênero” (Nascimento, 2021, p. 43). Resgatar e reconhecer as lutas de personagens trans nacionais como Xica Manicongo é um dos pilares para o fortalecimento do movimento e do pensamento transfeminista no Brasil, além de criar espaços para que essas vozes sejam ouvidas. De acordo com a psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus, podemos definir o transfeminismo como:

Uma linha de pensamento e de prática feminista que rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina, incluindo-se aí: homens e mulheres transgênero; mulheres cisgênero hysterectornizadas e/ou mastectomizadas; homens cisgênero orquiectomizados e/ou “emasculados”; e casais heterossexuais com práticas e papéis afetivossexuais divergentes dos tradicionalmente atribuídos, entre outras pessoas (2014, p. 5).

Cruz segue em suas obras os preceitos de Tatiana Nascimento que propõe “a recontação/invenção de histórias negras ancestrais como saída à heterossexualização cisonormativa que discursos “autorizados” do dominador/colonizador impõe à diáspora” (2020, p. 4). Ambas, em unísono agem para coibir o ciclo de silenciamento provenientes

de um racismo colonial e também “as expectativas sexuais sobre corpos negros” (2020, p. 4). A figura da mulher negra foi construída em cima deste entrelaçamento entre racismo colonial e dominação dos corpos.

## **2 VITÓRIA CALEIDOSCÓPICA: TRAVESSIAS E REEXISTÊNCIA EM *NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA***

*Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) tem como cenário o Rio de Janeiro a partir do ano de 1732 e aborda com sensibilidade temas delicados e ainda pouco explorados na literatura histórica brasileira. Vitória é uma personagem que teve uma vida desafortunada, mas isto não a deixou abatida. Dotada de sagacidade adquirida pela interação com o meio e suas vivências pelo mundo, transformou-se na resiliência e na sabedoria em pessoa. No quesito amoroso é preterida, e vista como uma mulher apenas para aventuras sem compromissos sérios. Ela é apaixonada por Felipe Gama, que pertence a uma das famílias tradicionais e ilibadas da cidade, e está para casar-se com Sianinha, formando uma aliança entre as famílias tradicionais. Eles se amam e não sabem como vão viver essa relação, que é completamente proibida pela moral e os bons costumes.

A narrativa confere protagonismo às personagens negras, apresentando-as como sujeitas de seus próprios destinos. Entre elas, Vitória se destaca como a figura central da trama. Cruz reconta a história da colonização brasileira abordando não apenas as questões da escravidão, mas colocando em voga as relações de gênero e a sexualidade. Abordar a transexualidade neste recorte histórico é uma forma potente de retirar as poeiras dos armários e as máscaras dos opressores. Com o empoderamento do povo negro, refazer os rumos virou questão de honra. Dar voz e colocar o ponto de vista dos subalternos nas narrativas é uma das contribuições do pensamento decolonial na contemporaneidade.

A personagem Vitória é central na narrativa de Eliana Alves Cruz e ocupa, em nossa análise, um lugar fundamental para a construção de uma discussão relevante no âmbito dos estudos feministas. A seguir, propomos justificar por que Vitória pode ser compreendida como uma representação da mulher caleidoscópica transgressora, múltipla, insurgente e capaz de desafiar as normativas de gênero e identidade impostas pela tradição.

## 2.1 VITÓRIA COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

Primeiramente, transformar significa mudar de forma, trocar, alterar. Neste sentido, sem dúvida a personagem é a metamorfose em pessoa. Dotada de características fortes, é audaciosa, vívida, destemida e passional. Apresenta-se como uma transformadora, pois, enfrenta o *status quo*, o preconceito e o “cistema”, assim definido por Nascimento (2020). O ato de existir de seu corpo trans torna-se uma afronta à sociedade. Para além das comparações com a borboleta que passa de ovo, lagarta, crisálida a imago, Vitória viveu quatro existências e encontra-se na sua quinta. Seu alto teor de transformação manifesta-se em sua própria vida. Acompanhemos como o narrador apresenta estas vivências da personagem.

Vitória era o seu quinto nome desde que viera ao mundo. Ela nascera como o menino Kiluanji Ngonga. Quando entendera sua verdadeira natureza, foi chamada de Nzinga Ngonga, depois virou sacerdotisa e era chamada de Nganga Marinda (sacerdotisa dos mistérios ancestrais). Desembarcou na América sequestrada dos seus e a batizaram como o homem Manuel Dias. Depois de conquistar sua liberdade, escolheu ser apenas Vitória, pois era assim que se considerava: vitoriosa. Considerava-se quase invencível, pois muito pouca gente que caminhava sobre a Terra havia vivido cinco existências em uma mesma, e escapado de tantos perigos (Cruz, 2020, p. 38).

Aqui podemos recorrer a outras interpretações acerca da palavra transformação. Na física, é qualquer alteração no estado de um sistema. Este por sua vez é definido como a parte do universo que está sob consideração. Então, tendo como base a existência de Vitória (um corpo que sofre transformação e também que se transforma no processo), é capaz de tensionar/afrontar os limites do sistema/“cistema”. O cistema tem tendências ao isolamento tentando manter-se intacto e por isso exerce o seu caráter repressivo aos corpos dissidentes. Muitas personagens da narrativa recusavam-se a reconhecê-la como mulher e principalmente como ser existente e coabitante da esfera global. Como resultado dessa tensão, Nascimento (2020, p. 12) atribui ao racismo colonial o poder de anular ao afirmar que: “nossa complexidade, nos desumaniza, explora, escraviza, mata, estupra, fetichiza, exotiza — impede que nos chamemos por nossos próprios nomes”. A algumas mulheres negras, acontece algo bem desconfortável que é a negação ao amor. Em seu texto “A mulher negra e o amor” (2019) Beatriz Nascimento discute as disparidades entre

gêneros quando o assunto é amor e sexo e aponta que recai sobre a mulher negra a exclusão. No girar da roda, ela é privada das sensações que as outras pessoas experienciam normalmente. Tal privação ao amor acontece à Vitória na narrativa, que precisa viver um amor furtivo e é relegada ao status de preterida: “Nada lhe parecia certo nesta vida, mas a rejeição de Felipe, o único que realmente sentira que amara, era uma face dura demais da falta absoluta de justiça no mundo” (Cruz, 2020, p. 14).

Vitória é uma mulher forte que escreve a sua existência através do seu corpo. Ao ser representada desta maneira, com convicções e resiliente, inscreve-se neste mundo. Através de seu físico “puro, brilhante e belo azeviche” (2020, p. 23) com “cabelos abundantes e crespos, que faziam uma moldura perfeita para o rosto belo e provocante” (2020, p. 25), Vitória corpografa sua existência. Pensaríamos então a partir dela o conceito de corpografia no sentido de grafar-se com o corpo. Vitória posiciona-se então como um quadro para a transformação. A transformação de paradigmas, por ser uma mulher que desafia a sociedade e cria um espaço de resistência para si. Levando em conta que cada vivência é única e incomparável, Vitória revela-se como um verdadeiro caleidoscópio de possibilidades de resistência contra o preconceito, o racismo, a heteronormatividade e o sistema.

## **2.2 VITÓRIA COMO ESPAÇO DE IDENTIFICAÇÃO PARA MULHERES NEGRAS, CIS OU TRANS**

A autora Eliana Alves Cruz gosta de desafiar a linha tênue entre literatura e história, por isso escreveu (até agora) três romances históricos. Através deles fica evidente que muito do “fazer jornalístico” aparece em suas obras. Este olhar para o jornalístico aparece nas suas pesquisas, na sua escrita e no seu fazer literário. É compreensível que seja uma maneira de entender o passado através da linguagem, sem regras fixas, sem limites de possibilidades, fazer uma releitura de fatos e produzir uma infinita proliferação de discursos, dar voz ao seu interior, reescrever a história. Este é um movimento encabeçado pelas feministas negras que

propuseram diversos tipos de agência coletiva e vários contrapontos em relação aos projetos emancipatórios do feminismo hegemônico. Entre os principais, leituras interseccionais da história em torno de algumas discussões centrais: o legado da escravidão, o acesso a trabalho, maternidade, reprodução e família, como eixos a

partir dos quais seria preciso olhar para as especificidades. (Díaz-Benítez, 2020, p. 310)

Vitória pode ser interpretada como uma tentativa da autora de construir um percurso no qual leitoras e leitores realmente olhem para as especificidades. Do ponto de vista de um feminismo interseccional, isto precisa ser principalmente pensado através da periferia. Nesse contexto, o sentimento de coletividade emerge como elemento estruturante: o coletivo evoca o caleidoscópio, e o caleidoscópio, por sua vez, reflete o coletivo. A construção de um sentimento coletivo poderia ser o cerne das propostas das feministas, abrangendo assim todas as raças e classes. Nesse sentido, a feminista Heloisa Buarque de Hollanda ao recuperar as ideias de Anzaldúa, evoca a metáfora das pontes “que se constroem sobre as costas (...) de todas as mulheres: as cis, as trans, as acadêmicas, as militantes, as brancas, as pobres, as indígenas” (2020, p. 30).

Na construção da narrativa, podemos considerar a influência da figura de Xica Manicongo na construção da personagem Vitória como exemplo dessa ponte. Xica Manicongo é considerada a primeira travesti da História do Brasil, de acordo com os registros históricos oriundos dos arquivos da Primeira Visitação do Tribunal do Santo Ofício, em 1591, com o intuito de verificar possíveis atividades consideradas heréticas, nos estados de Pernambuco e Bahia.

No romance, Vitória é retratada como sábia, dominava a magia, as ervas e tinha o dom da adivinhação e premonição, assim como Xica, chamada pejorativamente como “quimbanda, membro de uma quadrilha de feiticeiros sodomitas” (Quimbanda Dudu, 2005, p. 27). Seu lado espiritual era aguçado, tanto é que graças a ele conseguiu liberdade. Era um ser místico, temido por muitos e amado por poucos.

Vitória, sendo uma mulher trans, negra e periférica, torna-se capaz de alcançar outras mulheres por meio das pontes simbólicas propostas por Gloria Anzaldúa, as quais se constroem no ato da leitura e da identificação. Essas pontes, sob um olhar também psicológico, mobilizam afetos como empatia, solidariedade e acolhimento entre mulheres, permitindo a abertura para o reconhecimento mútuo. O exercício desses sentimentos possibilita processos de identificação, nos quais o outro deixa de ser estranho e passa a operar como espelho ou modelo. Ao transgredir normas de gênero, raça e classe, Vitória se torna, compreensivelmente, uma figura de referência: alguém que, ao afirmar sua

existência múltipla e resistente, oferece caminhos possíveis de reconstrução subjetiva para outras mulheres.

### **2.3 VITÓRIA COMO TRANSGRESSORA PARA ALÉM DA TRANSPOSIÇÃO E EXTRAPOSIÇÃO**

A palavra transposição diz respeito a ultrapassar, exceder a posição. Na álgebra ela é interpretada como a troca das posições de dois elementos. A soma de dois produtos não altera o resultado, a ordem dos fatores não altera o produto. No caso de Vitória, isto não acontece, pois, cada vez que modificou-se para a sua nova existência, alterou o resultado de sua vida e “escolheu ser apenas Vitória, pois era assim que se considerava: vitoriosa. Considerava-se quase invencível” (Cruz, 2020, p. 38). A transposição no caso da personagem diz respeito ao modo como ela se posiciona no mundo através de sua corpografia. Sendo esta, uma corpografia trans, sua maneira de localizar-se no mundo é distinta das pessoas que performam a heteronormatividade. A transposição de Vitória é perseverante, obstinada e resiliente. Mesmo que tentem enquadrá-la como possuidora de “profunda doença psíquica provocada pelo inimigo que vinha das trevas” e portadora “do pecado nefando, mortal” (2020, p. 32), Vitória permanece tranquila. Ser Vitória traz todo um punhado de experiências que ela não viveria tendo qualquer uma das existências anteriores. Infelizmente na sociedade contemporânea pessoas ditas transgressoras ainda são taxadas como não seguidoras de normas, ordens, leis etc., elas são por muitas vezes consideradas contraventoras, infratoras e até criminosas. Naquela época não era diferente. Viver a sua sexualidade e identidade, se estas divergissem da normatividade, era pecado aos olhos da sociedade.

Vitória é um ser extrapositional. Para justificarmos o uso deste item léxico para adjetivá-la, nos ancoramos nos estudos linguísticos. Para a linguística, trata-se do deslocamento de um elemento de uma frase para uma posição diferente da que geralmente ocupa. Vitória foi deslocada em suas múltiplas existências. Primeiramente nasceu menino em África, foi obrigada a vir para as Américas forçadamente, e no Brasil não consegue viver uma vida plena. O que seria Vitória além deste deslocamento? Esta constante busca por achar-se dentro de uma “frase” ocupando o espaço não aceito pela ordem vigente. Esta sociedade privilegia os sujeitos que se comportam no modo SVO

(sujeito, verbo, objeto) e que obedecem a ordem básica de constituintes quanto à sintaxe. Vitória parece ter o seu regimento próprio, VOS, OSV, VSO, nenhum deles parece suficiente para defini-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos a Literatura Afro- Brasileira foi negligenciada pela maioria dos críticos literários e produtores de literatura em diversas instâncias. Desacreditada, foi relegada ao status de periférica em oposição ao central, ficou submetida ao escrutínio linguístico-normativo. Em dias atuais, a corrente dos universalistas ainda crê e nega que a Literatura Afro-Brasileira seja um *corpus* literário conciso e acreditam que seja “menor” e jamais desmembrada da Literatura Brasileira. O cânone literário é excludente, mas não é impenetrável. Movimentos podem ser feitos para que um tipo específico de literatura faça o seu movimento para o centro, reconfigurando assim o quadro de possibilidades para que uma nova ordem venha a se estabelecer. Podemos então afirmar que a Literatura Afro-Brasileira está fazendo esse movimento caleidoscópico de chegar ao cânone aos poucos.

Nomes como o de Eliana Alves Cruz, que está presente na vertente negra feminina (sejam elas cis ou trans) dentro da Literatura Afro-Brasileira tem tensionado o cânone e lutado contra a hegemonia, forjando um espaço de resistência e de luta. Ao escrever o romance *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) e dar vazão à personagem Vitória para o mundo, Eliana Alves Cruz clama para si um movimento identitário, cultural e ideológico, abrindo espaço para as vozes silenciadas e dando visibilidade às pessoas trans e negras. Muitos direitos já foram conquistados pela população trans no Brasil, como a utilização do nome social e a alteração do nome e gênero nos documentos, sem ter a necessidade de realizar a cirurgia de afirmação de gênero.

Esses direitos conquistados ainda carregam muita transfobia social e institucional. A representativa trans em todas as esferas da sociedade, inclusive na política e na educação, é uma das principais demandas desse movimento. A população trans carece de programas de integração e cidadania para inserção no mercado de trabalho, ficando a maioria a mercê da prostituição e do trabalho informal. Com o movimento do transfeminismo podemos perceber as pontes de Anzaldúa se conectando através da

identificação na diferença. Neste sentido, a personagem Vitória apresenta-se como transformadora, pois, enfrenta o *status quo*, o preconceito e o sistema.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CRUZ, E. A. *Nada digo de ti, que em ti não veja*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. Entrevista com a escritora Eliana Alves Cruz - Primeiro Ciclo Blooks Outras Histórias do Brasil: Resistências e Reparações. Entrevista a Blooks Livraria. Medium, 2018a. Disponível em: <https://medium.com/blocks/entrevista-com-eliana-alves-cruz-d339656eb6bd>. Acesso em: 18 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Eliana Alves Cruz. Entrevista a Carolina Freitas da Cunha. Medium, 2018b. Disponível em: <https://medium.com/@cfdacunha/entrevista-com-eliana-alves-cruz-59f1213704c5>. Acesso em: 15 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Esperançando o futuro da literatura e da inclusão racial no Brasil: Entrevista com Eliana Alves Cruz. Entrevista a Isabella Rodrigues. Observatório de Favelas, 2023. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/esperancando-o-futuro-da-literatura-e-da-inclusao-racial-no-brasil-entrevista-com-eliana-alves-cruz/> Acesso em: 21 jul. 2024

\_\_\_\_\_. Literafro: portal da literatura afro-brasileira 2013. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em: 20 julho de 2024.

DALCASTAGNÈ, R. *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro*. Entrevista a Amanda Massuela. Cult, ano 20, n. 231, p. 14-19, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje*. Perspectivas decoloniais. 3ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 306.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, p. 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em: 02 de julho de 2024.

GOMES DE JESUS, J. *Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo*. *Universitas Humanística*, Bogotá, n. 78, p. 241-258, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79131632011>. Acesso em: 2 ago. 2025.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, H. B. Introdução. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 381 p.

NASCIMENTO, B. A mulher negra e o amor. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NASCIMENTO, T. *Cuirlobismo literário*. São Paulo: N-1Edições, 2018.

NASCIMENTO, L. 2021. *Transfeminismo*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo, Jandaíra.

QUIMBANDA DUDU – Grupo Gay Negro da Bahia. *Boletim do Quimbanda Dudu – Grupo Gay Negro da Bahia: Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Cidadania dos Afro-Brasileiros*, n. 6. Bahia, 2005.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

SANTIAGO, A. R. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.